

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 01 de julho de 2024 às 08h00
Seleção de Notícias

O Estado de S. Paulo | BR

Pirataria

| | |
|---------------------------------------------------------------------|---|
| LaLiga endurece o combate à pirataria na transmissão de jogos | 3 |
| <small>ESPORTES</small> | |

Estadão.com.br - Últimas Notícias | BR

29 de junho de 2024 | Patentes

| | |
|------------------------------------------------------------------|---|
| Análise As gigantes da tecnologia estão matando a inovação | 5 |
| <small>LINK</small> | |

Agência Brasil | BR

29 de junho de 2024 | Pirataria | Biopirataria

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------|---|
| Mata Atlântica: Brasil possui solo 18% de patentes sobre flora endêmica | 8 |
|-------------------------------------------------------------------------------|---|

LaLiga endurece o combate à pirataria na transmissão de jogos

ESPORTES

Direitos roubados

LaLiga endurece o combate à **pirataria** na transmissão de jogos

RICARDO MAGATTI

Javier Tebas, presidente da LaLiga, decidiu abrir uma cruzada contra a **pirataria**. O advogado espanhol se irrita com os prejuízos provocados pelos jogos do Campeonato Espanhol transmitidos ilegalmente. Estima que a fraude audiovisual tire dos clubes espanhóis até 600 milhões (R\$ 3,6 bilhões) por ano. No Brasil, o combate à **pirataria** fica a cargo da Anatel.

Tebas diz que a LaLiga investe há anos recursos econômicos, tecnológicos e humanos para a proteção de seus conteúdos em todo o mundo. Em 2023, conseguiu eliminar 1.251 vídeos do YouTube, mais de 938 mil vídeos em redes sociais, 61 mil perfis com conteúdo de fraude audiovisual e 7,3 mil grupos de mensagens que distribuíam conteúdo pirata.

No entanto, lutar contra a "praga", como se refere à **pirataria**, é uma tarefa complexa. "A tecnologia avança rapidamente e as plataformas de **pirataria** se adaptam constantemente, encontrando novas formas de escapar das medidas de segurança. Essas plataformas frequentemente operam em jurisdições onde as leis de **propriedade** intelectual não são tão rigorosas ou não são aplicadas de maneira eficaz, o que dificulta sua perseguição legal", diz Tebas ao Estado .

Outra dificuldade é que a internet permite que o conteúdo clandestino seja distribuído rapidamente para muitos usuários e as plataformas ilegais podem mudar de servidor e domínio com facilidade, o que complica o rastreamento e fechamento dos sites ilegais.

A LaLiga trabalha "com esforços coordenados e sustentados a nível global" em cooperação com governos, big techs, clubes, entidades e as empresas de mídias que detêm os direitos de transmissão das partidas, diz Tebas. Foi criado um núcleo interno para proteger seus conteúdos. São 50 especialistas protegendo tanto o conteúdo ao vivo quanto sob demanda, a partir de dois laboratórios, localizados em Madri e na Cidade do México.

Guillermo Rodríguez, diretor de Operações Antifraude Digital e Audiovisual da LaLiga, diz que a entidade usa diferentes ferramentas capazes de localizar e retirar o conteúdo pirateado nas redes sociais, analisar servidores dos serviços de IPTV ilegais (método de transmissão de sinais televisivos por meio de redes IP) e facilitar a gestão de bloqueios de websites e plataformas de IPTV em diferentes países. Mas há limitações, por causa das legislações de cada país.

A **pirataria** exige "vigilância contínua, inovação nas estratégias **antipirataria** e marcos legais ágeis", afirma Rodríguez. "Precisamos que grandes empresas de tecnologia se comprometam efetivamente a combater a fraude audiovisual, algo que nem sempre acontece, apesar de serem consideradas líderes no setor."

NO BRASIL. O combate à **pirataria** no Brasil é articulado por um comitê nacional do governo federal. Dentro dessa estrutura, o controle na área de telecomunicações cabe à Agência

Nacional de Telecomunicações (Anatel), que inaugurou em setembro do ano passado o Laboratório **Antipirataria**, dedicado à análise de equipamentos que transmitem conteúdo audiovisual de forma clandestina. De uma a duas vezes por semana há operações em horários de partidas de futebol.

"São operações nacionais, de bloqueio dessas caixas. Fazemos varredura desses aparelhos, para identificar como estão operando, e detectamos os endereços a serem bloqueados. Transmitimos as informações às operadoras e cada uma bloqueia na sua rede o acesso àqueles IPs", diz Artur Coimbra, conselheiro da Anatel.

A atuação é focada no combate ao aparelho popularmente conhecido como TV Box, em sua versão pirata. Coimbra calcula haver entre 6 milhões e 8 milhões de aparelhos irregulares. Desde março de 2023, a Anatel monitorou e bloqueou 7.564 IPs - como é chamado o número que identifica cada dispositivo - e 1.495 endereços de sites. Entre 2018 e 2023, apreendeu R\$ 1,5 milhão de decodificadores de sinal clan-

Continuação: LaLiga endurece o combate à pirataria na transmissão de jogos

destino. A estimativa é de R\$ 14,6 bilhões de prejuízo anual para a TV por assinatura no País, com perda de R\$ 2 milhões em arrecadação de impostos e de 6.450 empregos diretos.

—

"Por trás dessa prática ilícita, há máfias que lucram com o trabalho e os conteúdos de clubes, empresas audiovisuais etc. Elas operam em um mercado negro, sem pagar impostos, prejudicando toda a sociedade"

Javier Tebas Presidente da LaLiga

Análise|As gigantes da tecnologia estão matando a inovação

LINK



Entenda como gigantes como Google e Microsoft estão cooptando startups inovadoras e limitando o progresso tecnológico

O Vale do Silício se orgulha de ser um lugar de disruptão: startups desenvolvem novas tecnologias, derrubam mercados existentes e superam empresas previamente estabelecidas. Esse ciclo de destruição criativa nos trouxe o computador pessoal, a internet e o smartphone, mas, nos últimos anos, um punhado de empresas de tecnologia estabelecidas manteve seu domínio. Por quê? Acreditamos que elas aprenderam a cooptar startups potencialmente disruptivas antes que elas possam se tornar ameaças competitivas.

Basta ver o que está acontecendo com as empresas líderes em inteligência artificial (IA) generativa.

A DeepMind, uma das primeiras startups de IA de destaque, foi adquirida pelo Google. A OpenAI, fundada como uma organização sem fins lucrativos e um contrapeso ao domínio do Google, recebeu US\$ 13 bilhões da Microsoft. A Anthropic, uma startup fundada por engenheiros da OpenAI que desconfiaram da influência da Microsoft, levantou US\$ 4 bilhões da Amazon e US\$ 2 bilhões do Google.

Recentemente, foi divulgado que a Comissão Federal de Comércio estava investigando as negociações da Microsoft com a Inflection AI, uma startup fundada por engenheiros da DeepMind que trabalhavam para o Google. O governo parece estar interessado em sa-

ber se o acordo da Microsoft para pagar à Inflection US\$ 650 milhões em um acordo de licenciamento - ao mesmo tempo em que a empresa estava destruindo a startup, contratando a maior parte de sua equipe de engenharia - foi uma forma de contornar as leis antitruste.

A concentração de poder nas mãos das Big Tech está sufocando a criatividade e a inovação no setor de tecnologia Foto: Brian Snyder/Reuters A Microsoft defendeu sua parceria com a Inflection. Mas o governo tem razão em se preocupar com esses acordos? Nós achamos que sim. No curto prazo, as parcerias entre as startups de IA e as grandes empresas de tecnologia proporcionam às startups as enormes somas de dinheiro e os chips difíceis de obter que elas desejam. Mas, no longo prazo, é a concorrência - e não a consolidação - que proporciona o progresso tecnológico.

Os gigantes da tecnologia de hoje já foram pequenas startups. Eles criaram empresas ao descobrir como comercializar novas tecnologias - o computador pessoal da Apple, o sistema operacional da Microsoft, o mercado online da Amazon, o mecanismo de busca do Google e a rede social do Facebook. Essas novas tecnologias não competiram tanto com as empresas estabelecidas, mas sim as contornaram, oferecendo novas maneiras de fazer as coisas que alteraram as expectativas do mercado.

Mas esse padrão de startups inovando, crescendo e ultrapassando as empresas estabelecidas parece ter parado. Os gigantes da tecnologia são antigos. Cada um deles foi fundado há mais de 20 anos - a Apple e a Microsoft na década de 1970, a Amazon e o Google na década de 1990 e o Facebook em 2004. Por que não surgiu nenhum novo concorrente para desestabilizar o mercado?

A resposta não é que os gigantes da tecnologia de hoje

Continuação: Análise|As gigantes da tecnologia estão matando a inovação

sejam simplesmente melhores em inovação. A melhor evidência disponível - dados de **patentes** - sugere que as inovações têm maior probabilidade de vir de startups do que de empresas estabelecidas. E isso também é o que a teoria econômica prevê.

Uma empresa estabelecida com uma grande participação de mercado tem menos incentivo para inovar porque as novas vendas que uma inovação geraria poderiam canibalizar as vendas de seus produtos existentes. Engenheiros talentosos são menos entusiasmados com ações de uma grande empresa que não estão vinculadas ao valor do projeto em que estão trabalhando do que com ações de uma startup que pode crescer exponencialmente, e os gerentes estabelecidos são recompensados pelo desenvolvimento de melhorias incrementais que satisfaçam seus clientes atuais, em vez de inovações disruptivas que possam desvalorizar as habilidades e os relacionamentos que lhes dão poder.

Os gigantes da tecnologia aprenderam a interromper o ciclo de disrupção. Eles investem em startups que desenvolvem tecnologias disruptivas, o que lhes dá inteligência sobre ameaças competitivas e a capacidade de influenciar a direção das startups. A parceria da Microsoft com a OpenAI ilustra o problema. Em novembro, Satya Nadella, executivo-chefe da Microsoft, disse que mesmo que a OpenAI desaparecesse repentinamente, seus clientes não teriam motivo para se preocupar, porque "temos as pessoas, temos a computação, temos os dados, temos tudo".

É claro que as empresas estabelecidas sempre tiveram a ganhar com o sufocamento da concorrência. Empresas de tecnologia mais antigas, como a Intel e a Cisco, entenderam o valor da aquisição de startups com produtos complementares. O que é diferente hoje é que os executivos de tecnologia aprenderam que mesmo as startups fora de seus mercados principais podem se tornar ameaças competitivas perigosas, e o tamanho dos gigantes da tecnologia de hoje lhes dá o dinheiro para cooptar essas ameaças. Quando a Mi-

crosoft foi julgada por violações antitruste no final da década de 1990, ela foi avaliada em dezenas de bilhões de dólares. Agora, ela está avaliada em mais de US\$ 3 trilhões.

CONTiNUA APÓS Além de seu dinheiro, os gigantes da tecnologia podem alavancar o acesso a seus dados e redes, recompensando as startups que cooperam e punindo as que competem. De fato, esse é um dos argumentos do governo em seu novo processo antitruste contra a Apple (a Apple negou essas alegações e pediu que o caso fosse arquivado). Elas também podem usar suas conexões na política para incentivar a regulamentação que serve como um fosso competitivo.

Você se lembra daqueles anúncios do Facebook que defendiam uma maior regulamentação da internet? O Facebook não os estava comprando para caridade. As propostas do Facebook "consistem, em grande parte, na implementação de requisitos para sistemas de moderação de conteúdo que o Facebook já havia implementado anteriormente", conclui o site de investigações tecnológicas The Markup. Isso lhe daria uma vantagem de pioneiro em relação à concorrência.

Quando essas táticas não conseguem fazer com que uma startup deixe de competir, os gigantes da tecnologia podem simplesmente comprá-la. Mark Zuckerberg deixou isso claro em um e-mail para um colega antes de o Facebook comprar o Instagram. Se startups como o Instagram "crescerem em grande escala", escreveu ele, "elas poderão nos perturbar muito".

Os gigantes da tecnologia também cultivam relacionamentos repetidos com investidores. As startups são investimentos de risco, portanto, para que um fundo de risco tenha sucesso, pelo menos uma das empresas de seu portfólio deve gerar retornos exponenciais. Como as ofertas públicas iniciais diminuíram, os investidores têm se voltado cada vez mais para as aquisições a fim de obter esses retornos.

Continuação: Análise|As gigantes da tecnologia estão matando a inovação

Investidores sabem que apenas um pequeno número de empresas pode adquirir uma startup por esse tipo de preço, portanto, eles mantêm amizade com as grandes empresas de tecnologia na esperança de direcionar suas startups para acordos com as empresas estabelecidas. É por isso que alguns importantes investidores se opõem a uma fiscalização antitruste mais rigorosa: é ruim para os negócios.

As aquisições agressivas de startups por grandes empresas de tecnologia ameaçam o futuro da inovação Foto: Seth Wenig/APA cooptação pode parecer inofensiva no curto prazo. Algumas parcerias entre empresas estabelecidas e startups são produtivas. Além disso, as aquisições proporcionam aos investidores os retornos necessários para convencer seus financiadores a investir mais capital na próxima onda de startups.

A cooptação, por sua vez, prejudica o progresso tecnológico. Quando um dos gigantes da tecnologia compra uma startup, ele pode desativar a tecnologia da startup ou pode desviar o pessoal e os ativos da startup para suas próprias necessidades de inovação, e mesmo que não faça nada disso, os obstáculos estruturais que inibem a inovação nas grandes empresas estabelecidas podem minar a criatividade dos funcionários da startup adquirida. A IA parece uma tecnologia disruptiva clássica, mas, à medida que as startups disruptivas que foram pioneiras nessa tecnologia forem sendo vinculadas às grandes empresas de tecnologia, uma a uma, ela poderá se tornar nada mais do que uma forma de automatizar os mecanismos de busca.

O governo Biden pode intervir para começar a resolver esse problema. No início deste ano, a FTC anunciou que estava investigando os acordos da Big Tech com empresas de IA. Esse é um começo promissor, mas precisamos mudar as regras que possibilitam a cooptação.

Em primeiro lugar, o Congresso dos EUA deve expandir a lei de "diretorias interligadas" - que proíbe que os diretores ou executivos de uma empresa atuem como diretores ou executivos de seus concorrentes - para impedir que os gigantes da tecnologia coloquem seus funcionários em conselhos de startups. Em segundo lugar, os tribunais devem penalizar as empresas dominantes que discriminam o acesso a seus dados ou redes com base no fato de a empresa ser um concorrente em potencial. Em terceiro lugar, à medida que o Congresso se mobiliza para regulamentar a IA, ele deve ter o cuidado de redigir regras que não fortaleçam as empresas estabelecidas.

Por fim, o governo deve identificar uma lista de tecnologias potencialmente disruptivas - começaríamos com a IA e a realidade virtual - e anunciar que contestará todas as fusões entre os gigantes da tecnologia e as startups que desenvolvem essas tecnologias. Essa política pode dificultar a vida dos investidores que gostam de dar palestras sobre disrupção e depois tomar um drinque com seus amigos da área de desenvolvimento corporativo da Microsoft, mas seria uma boa notícia para os fundadores que querem vender produtos para os clientes, e não startups para monopólios. E seria bom para os consumidores, que dependem da concorrência, mas passaram muito tempo sem ela.

Este conteúdo foi traduzido com o auxílio de ferramentas de Inteligência Artificial e revisado por nossa equipe editorial. em nossa Política de IA.

Análise por Mark Lemley Matt Wansley ComentáriosOs comentários são exclusivos para assinantes do Estadão.

Mata Atlântica: Brasil posee solo 18% de patentes sobre flora endémica



De un total de 118 patentes, solo 21 fueron registradas en Brasil

La Mata Atlántica es un bioma sudamericano excepcional por su rica biodiversidad y la presencia especies únicas que no se encuentran naturalmente en ningún otro lugar del mundo. De las aproximadamente 9.500 especies de plantas nativas que alberga este bioma, se estima que unas de 8.400 son endémicas, es decir, exclusivas de este hábitat.

Un estudio realizado por investigadores del Instituto Nacional de la Mata Atlántica (INMA), la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE) y la Universidad Federal de São Carlos (UFSCar) reveló que productos y tecnologías derivados de 66 plantas endémicas de este bioma generaron un total de 118 patentes entre 2000 y 2021. Sin embargo, solo 21 de estas patentes fueron desarrolladas y registradas en Brasil. China encabeza la lista con 54 patentes, seguida por Estados Unidos (15), países europeos (7) y Japón (3).

Entre las especies más patentadas se destacan la salvia cardinal (*Salvia splendens*), con 34 patentes, y la gloxinia (*Sinningia speciosa*), con 7, ninguna de las cuales cuenta con productos o tecnologías patentadas en Brasil.

El estudio subraya la importancia de fortalecer los mecanismos de control, acceso y protección de los **recursos** genéticos en Brasil. Celise Villa dos Santos, investigadora del INMA y coautora del estudio,

señala que identificar el origen del patrimonio genético en las patentes representa un desafío considerable, dado el histórico movimiento de especies vegetales entre continentes desde la colonización de Brasil hace 500 años. Esta situación dificulta determinar si el acceso a estas especies proviene directamente desde Brasil o a de ejemplares cultivados o naturalizados en otros países. Algunas especies endémicas brasileñas, pondera la investigadora, podrían haberse convertido en "nativas" en otros países, formando parte de su patrimonio genético e incluso asociadas a conocimientos tradicionales en diferentes partes del mundo.

Los mecanismos actuales, tanto a nivel nacional como internacional, para la concesión de **patentes** y el control del acceso a la biodiversidad y conocimientos tradicionales, son considerados insuficientes por la investigadora. Esto implica que las actividades de biopiratería realizadas por extranjeros fuera de Brasil podrían no ser detectadas adecuadamente. Para abordar estas preocupaciones, Villa dos Santos propone desde 2011 la implementación de un certificado internacional de origen en el marco de la Organización Mundial del Comercio, con el objetivo de mejorar la transparencia y el control en el **registro** de patentes.

Además, destaca que el Sistema de Gestión del Patrimonio Genético y de los Conocimientos Tradicionales Asociados (SisGen), establecido en 2017 en Brasil, se centra únicamente en controlar el acceso a la biodiversidad y tecnologías desarrolladas y protegidas dentro del país.

Otras especies

El estudio también resalta que se han registrado 1.148 **patentes** para 72 especies de plantas nativas pero no endémicas de la Mata Atlántica. Muchas de estas especies también se encuentran en otros países,

Continuação: Mata Atlântica: Brasil possui solo 18% de patentes sobre flora endêmica

como el musgo *Rhodobryum roseum*, que lidera la lista con 263 **patentes** y está presente en casi todo el mundo, siendo estudiado por sus propiedades químicas y medicinales. Otras especies, como el jaborandi (*Pilocarpus spicatus*), son exclusivas de Brasil, pero no se limitan únicamente a la Mata Atlántica. De las 1.148 **patentes** de plantas nativas no endémicas, solo 21 pertenecen a Brasil, lo que representa el 2% del total registrado.

Según Villa dos Santos, las innovaciones tecnológicas son cruciales como mecanismo para mejorar la eficiencia económica de un país y aumentar su competitividad en el comercio internacional. Brasil posee un potencial significativo para liderar este proceso, gracias a la diversidad de especies distribuidas en sus seis biomas y al conocimiento ancestral acumulado por las comunidades tradicionales sobre el uso de estas especies, afirmó la investigadora.

Las políticas públicas y los mecanismos federales y estatales implementados desde la década de 2000 para promover el desarrollo de la bioeconomía han incentivado la estrategia de patentar la biotecnología en Brasil. A pesar de estos esfuerzos, aún persisten desafíos relevantes. "Las patentes brasileñas relacionadas con especies de la Mata Atlántica han sido mayormente solicitadas por universidades brasileñas e institutos públicos de investigación. El proceso de presentar y mantener una patente conlleva costos considerables, lo cual obliga a estas instituciones a tomar decisiones estratégicas sobre qué invenciones proteger", explicó Villa dos Santos.

La investigadora también destaca que la protección de una invención está influenciada por factores culturales, políticas públicas, incentivos gubernamentales y estrategias empresariales. A pesar de que la Amazonia alberga menos especies vegetales que la Mata Atlántica, los productos y tecnologías basados en plantas amazónicas se patentan con mayor frecuencia. "Esto se debe a las estrategias comerciales predominantes en la industria cosmética y al atractivo comercial de la selva amazónica. Además, la presencia de instituciones públicas como el Instituto Nacional de Investigaciones de la Amazonia (Inpa), que se dedica al desarrollo de tecnologías y a la protección de la propiedad intelectual, también influye significativamente en este proceso", dijo.

El estudio también resalta que muchas especies de flora de la Mata Atlántica con patentes están en peligro de extinción. Con solo el 12% de su vegetación nativa remanente y con el 82% de las especies de flora endémica amenazadas de extinción, se advierte sobre la potencial pérdida de recursos que podrían ser mejor aprovechados para el desarrollo de productos y tecnologías.

Este mes, el gobierno brasileño lanzó la Estrategia Nacional de Bioeconomía, que establece directrices y objetivos estratégicos para el desarrollo de cadenas de productos, procesos y servicios que utilicen recursos biológicos y tecnología avanzada con el fin de producir de manera más sostenible.

Índice remissivo de assuntos

Pirataria

3

Propriedade Intelectual

3

Patentes

5, 8

Pirataria | Biopirataria

8